

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT06.002](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT06.002)

A REPRESENTATIVIDADE NEGRA PARA CRIANÇAS: INFLUÊNCIA DA RAÇA E RACISMO NA CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

Rejane Maria da Silva Farias

Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, rejane.silvarms@hotmail.com Lattes autor: <http://lattes.cnpq.br/2144168769554084>

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma contribuição para o campo de estudo que relaciona as categorias raça, racismo e construções de ideologias sociais, principalmente no que se refere a construtos sociais firmados desde a infância, faz parte de um recorte de pesquisa ligado a estudos sobre raça e gênero. Para tanto, é realizado uma análise de como crianças se apropriam da categoria de raça e do racismo na constituição de suas subjetividades. Para atingir essa perspectiva foram realizadas entrevistas com 30 crianças da cidade de Tuparetama, interior do estado de Pernambuco, estudantes do 5º ano do ensino fundamental que se encontram na mesma faixa etária e que convivem juntos na escola a cerca de 4 anos. O intuito é compreender quais os significados que estes sujeitos atribuem as questões de raça e racismo. Os resultados obtidos na pesquisa apontaram que o racismo e a ideia intrínseca de que não somos racistas está impregnado nas concepções de formação de cada indivíduo. A partir das análises das entrevistas foi possível perceber o quanto as questões raciais interferem nos padrões de beleza, de saber, de cuidados e assim por diante. Como aporte teórico se fez uso de contribuições

de Lélia Gonzalez, Frantz Fanon, Achille Mbembe, Neusa Santos Souza, Abdias Nascimento, Conceição Evaristo, dentre outros.

Palavras-chave: Raça, Racismo, Gênero, Infância.

INTRODUÇÃO

O Brasil se configura como um país que não é racista, que não utiliza as categorias de raça como demarcadores sociais. Historicamente se tenta firmar esta definição de que de fato somos um estado laico e de igualdade de direitos para todos. Sendo assim, como crianças se apropriam da categoria raça e racismo na constituição de suas subjetividades? Onde estão as crianças negras? Como estão sendo formadas as concepções de beleza para crianças, em especial para crianças pretas? Nota-se que o fardo da raça e as práticas racistas são mais propensos a subjetividades do que se possa imaginar. Um breve retorno as relações sociais no Brasil após a abolição seria um grande momento para se intender a atualidade, a distribuição geográfica da população negra neste período diz muito sobre o que se tem atualmente. A localização periférica de negros em regiões e setores hegemônicos, a discriminação e exclusão desses povos sendo confirmados dia após dia, além da situação de extrema necessidades as quais foram submetidos sempre (GONZALEZ, 2020).

Contudo, através de vários pensadores, entre eles Gilberto Freyre, foi instituído o pensamento de que se o negro não ascendeu socialmente no Brasil e não participa efetivamente nos processos políticos, sociais, econômicos e culturais, o único culpado é ele próprio, as oportunidades são iguais para todos. Situação que obviamente nota-se como não ser fato.

As possibilidades de ascensão a determinados setores da classe média são praticamente nulas para a maioria absoluta de pessoas. Em especial para a maioria de pessoas pretas, que detiveram historicamente o pensamento de que seriam inferiores, que não possuíam padrões de beleza, que são preguiçosos e assim por diante. Várias sátiras com relação ao negro construíram um estereótipo sobre raça e racismo que não permite que sejam extrapoladas suas barreiras com muita facilidade.

Assim, a necessidade emergente de discutir racismo no Brasil, utilizando para isso grandes nomes da produção intelectual como: Lélia Gonzalez, Frantz Fanon, Achille Mbembe, Neusa Santos Souza, Abdias Nascimento, Conceição Evaristo, dentre outros. Para que se possa levar para os grandes debates as questões subjetivas a raça

que perpassa nossas escolhas como se fossem fatos naturais, mas que estão moldados socialmente no decorrer dos tempos.

Como as crianças estão construindo suas ideologias de raça e concepções sociais? Naturalmente nota-se que já há um impasse entre as definições de raça. Órgãos públicos evitam essa categorização pela dificuldade de elencar fatores que configurem uma diferença entre as pessoas. O próprio IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) já categorizou ao menos 10 definições de raça entre as pessoas. Este é atualmente um tema ainda polêmico e de difícil aceitação.

Não se pode meramente definir as pessoas pela sua condição biológica, nem tão pouco somente pelas condições sociais. Assim, raça acaba ganhando um esquadro muito maior do que uma simples definição. Para este trabalho será utilizado a concepção de raça de acordo com Wade (1997), nas quais as raças são, cientificamente, uma construção social e devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sociais, que trata das identidades sociais. As “raças” são efeitos de discursos; fazem parte desses discursos sobre origem.

As crianças desde muito pequenas tem acesso as definições e padrões sociais que moldam seus pensamentos, suas concepções, suas escolhas. Por mais que se pense que as escolhas são próprias e definidas pelo que se acredita de fato, as questões sociais interferem nestas escolhas. Como poderia haver referência uma identidade preta de sucesso, se socialmente não se nota negros em abundancia em carreiras de sucesso. Todos esses padrões podem ser entendidos a partir do momento que se questiona os padrões de normatividade da sociedade.

O lugar de onde se fala é fundamental para que se possa compreender o que se pretende dizer. Pessoas que passaram por atitudes racistas, conseguem definir com exatidão os efeitos desta ação nas suas vidas.

O racismo é um elemento estruturante da sociedade, se manifesta das mais variadas maneiras. Contudo, não se pretende aqui esgotar o tema, mesmo por que é vasto e amplo, se pretende compreender as formações de subjetividades por crianças com relação as definições de raça e racismo.

A escolha por crianças que estão frequentando a escola se deu pelo fato de que o racismo vivido no cotidiano escolar a partir de injúrias e xingamentos aos quais todas as crianças estão sujeitas possivelmente possa interferir nas decisões e nas ideias dessas pessoas. As crianças acabam por não construir uma autoestima necessária para encontrar referências que possam auxiliá-las na construção de padrões sociais que estejam incluídas com igualdade de direitos. O racismo presente nas instituições de ensino deixa marcas que podem ser levadas para a vida inteira e faz com que o apagamento das crianças negras, reflita no apagamento da população negra (BICUDO, 1955; GINSBERG, 1955; GONÇALVES, 1985; OLIVEIRA, 1994; GODOY, 1996).

METODOLOGIA

Pesquisa quali-quantitativa com abordagem descritiva que versa sobre as representatividades negras e suas influências nas formações de percepções de vida de um grupo de 30 crianças da cidade de Tuparetama, interior de Pernambuco.

A escolha por esse tipo de abordagem se deu por entender que se teria mais instrumentos de constituição de dados e melhores metodologias de análises, de modo a evidenciar fielmente a participação de cada indivíduo no processo de compreensão dos fenômenos observados.

O desenvolvimento metodológico seguiu os pressupostos da abordagem qualitativa mediante a pesquisa bibliográfica em livros, revistas, artigos e periódicos sobre a temática abordada. Seguida de aplicação de entrevista, tendo o questionário semi-estruturado como instrumento de coleta.

Neste momento a abordagem seguiu um percurso quantitativo e adquiriu uma investida no sentido de não haver interferência nos sentimentos e pensamentos de cada indivíduo pesquisado.

Com as entrevistas em mãos foi analisado cada resposta de modo qualitativo e quantitativo de modo que somente o que estava evidente fosse categorizado de maneira descritiva. Não se pretendendo ir além do que se declarou formalmente por cada entrevistado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do trabalho proposto foi possível algumas análises e considerações que serão tecidas neste momento. Para coleta de informações houve um contato inicial com as 30 crianças com faixa etária de 12 a 14 anos matriculadas no 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Tuparetama, interior de Pernambuco, para que se pudesse fomentar o objetivo da entrevista e assim algumas considerações acerca do trabalho proposto.

O momento inicial foi fundamental para que as relações de poder pudessem ser analisadas. Observações acerca de como as crianças se comportavam e como se mantinham durante todo o processo foram cruciais para as análises posteriores.

O quantitativo de 30 crianças que participaram da pesquisa (13 masculinas e 17 femininas) foram orientadas sobre o processo de coleta de dados e organizaram suas dúvidas acerca do tema. Cerca de 57% eram meninas e 43% meninos de acordo com o gráfico 1.

Gráfico 1: Quantitativo de entrevistados.



Fonte: Própria.

Com relação a auto declaração de cor um fato interessante me chama a atenção: dentre os meninos todos se declaram negros ou pardos. Já entre as meninas cerca de 40% se declara morena claro, mesmo em alguns casos sendo possível observar que se trata de pessoa negra.

Assim, é notório que a questão da branquitude é um fator diferencial, assim como o colorismo. Ser moreno tudo bem, mas ser negro? Isso é um dos pressupostos que passaram a ser analisados mais fielmente a partir dos anos 80, com Alice Walker, que contribui para essa diferenciação entre pigmentocracia, ou seja, quanto mais pigmentada a pele for, mais dificuldade de aceitação social o indivíduo passa a ter. Segundo Walker, a discriminação pela cor de pele mais escura é muito comum em países que sofreram a colonização europeia e em países pós-escravocratas.

Para ser socialmente aceitos, todos preferem que sejam parecidos com os padrões europeus, cabelo liso, olhos claros, pele mais clara. Quando não se tem esses padrões deve tentar atingi-los, pintar os cabelos, alisar. Mas quando a pigmentação e diferenciação é extrema não é possível fazer essa adaptação, assim fica evidente por que a maioria das meninas quer ser morena, ao invés de negra. A negritude carrega um peso muito grande e traz consigo muita marca.

Quando questionados se já haviam sido vítimas de alguma atitude racista, os meninos afirmam nunca terem passado por nenhuma atitude desta natureza. Já entre as meninas 30% firmam que já passaram por situações racistas e conseguem contar o fato e se posicionar a respeito com muita precisão. Como pode ser observado no gráfico 2.

Gráfico 2: Vítimas de atitudes racistas.



Fonte: Própria.

Curiosamente para os meninos que afirmam nunca terem sido vítimas de racismo, quando questionados sobre as brincadeiras entre eles, nota-se que a grande maioria das “brincadeiras” é racista. A natureza e o jeito de fazer o brincar acaba instituindo aquela ação como inofensiva ou que não tem o sentido de magoar, mas é uma prática excludente e racista.

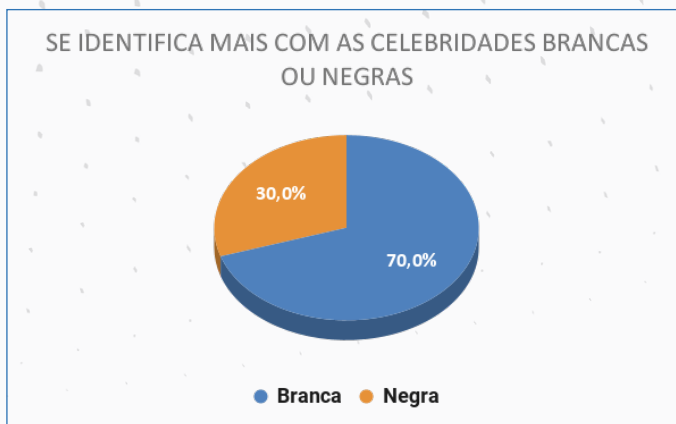
Corroborando com o pensamento de grande parte da população brasileira, que acredita que essa ação era apenas uma brincadeira e que não tinha o propósito de raça. Mas que na grande maioria das vezes acaba deixando cada vez mais claro as funções sociais de cada grupo. É necessário que essas questões sejam entendidas como ações racistas sim, que os culpados entendam que é crime e que sejam penalizados por isso, ou então não haverá possibilidades de mudança significativa.

Quando questionados se já haviam cometido atitudes racistas, todos os meninos e meninas afirmam que nunca cometeram atitudes assim. Inclusive dão depoimentos acerca do quanto podemos magoar as outras pessoas com pensamentos assim. Todavia, quando questionados sobre as “brincadeiras”, acreditam que tudo bem se for na hora que todos estiverem brincando.

Com relação a padrões de beleza sabe-se que tudo que tem representatividade é mais visível. Gostaria de entender como as meninas e meninos desta turma se sentem com relação a beleza. A mídia, os livros, as redes sociais, todos os meios estão a todo momento “vendendo” um padrão de belo, hoje se nota algumas singelas mudanças, mas até bem pouco tempo, a beleza era europeia, loira, magra, olhos claros e assim por diante. Se o negro aparecia nas mídias era com depreciação ou algum subemprego. E assim busquei entender como essas crianças se sentem com relação a beleza.

Dos meninos entrevistados 30% dizem se achar bonitos e quando questionados sobre a aparência fazem referência a príncipes e contos infantis. 50% afirmam não se sentirem muito bonitos, quando questionados por que, afirmam que não sabem definir bem. 20% preferiram não responder a esse questionamento. Como pode ser observado no gráfico 3.

Gráfico 3: Se considera bonito.



Fonte: Própria.

Das meninas entrevistadas 100% afirmam se acharem bonitas. Quando questionadas falam do jeito do cabelo, das roupas, dos sapatos. Fazem referência aos adereços e detalhes para justificar que de fato possuem beleza.

Analisando esses padrões de beleza, o que foi forjado no Brasil é desleal com a população negra, não se tem representatividade, não se tem destaques, não se tem argumentos positivos. No geral, pode até haver um jogador de futebol, uma doméstica na novela, uma cozinheira num livro infantil de peles pretas, mas a regra é sempre marginalizada, domesticada, escravizada. Quem deseja ser menosprezado?

Ainda seguindo nesta discussão acerca das representatividades. Foi questionado acerca de como cada um dos entrevistados descreveria uma pessoa bonita. A grande maioria descreveu: olhos claros, cabelo loiro, boca rosa, cabelo liso (bom), alguns até citaram cabelo cacheado e morena. Não houve nenhuma definição de uma pessoa negra, cabelos crespos, boca e nariz maiores. Todos os padrões de beleza foram definidos de acordo com padrões europeus.

Procurei saber também quem essas crianças tinham como referência nos contos infantis, nas novelas, nas mídias. A maioria cita Branca de Neve, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, Cinderela e descrevem essas princesas com detalhes e com prazer

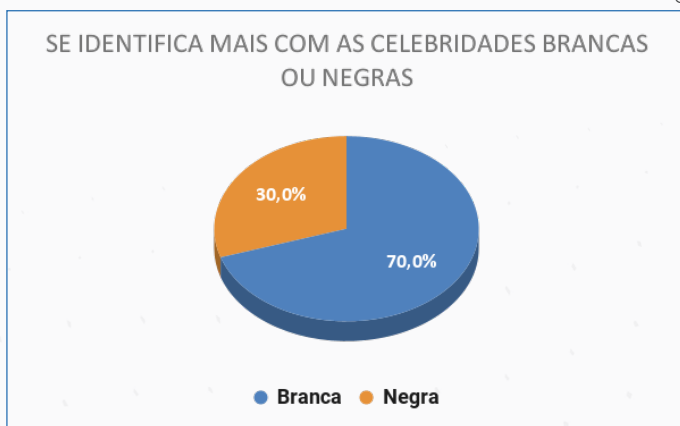
em cada definição. Entendendo que ser uma princesa significa ser uma menina dentro destes padrões.

Com relação a celebridades procurei saber se eles se recordam de algumas. Questionei acerca da cor, pedi que descrevessem uma pessoa que se recordam que seja negra e uma pessoa branca. Os 100% recordaram alguém de pele branca que já fez sucesso ou que ainda está fazendo sucesso. Alguns cantaram suas músicas, dançaram, contaram piadas.

Mas na hora de lembrarmos alguém negro que fez história alguns lembraram de um jogador de futebol e um cantor de pagode, os demais não se recordavam de ninguém. Perguntaram se poderia ser alguém conhecido aqui das suas cidades mesmo.

Para finalizar nossa roda de conversa procurei entender como cada criança se identifica. Se eles preferem referência com as pessoas negras ou pessoas brancas, isso na concepção dos mesmos. Cerca de 70% afirmaram que se identificam mais com as pessoas brancas, que sentem mais afinidade e assim conseguem se enxergar melhor nestes espaços. Como observa-se no gráfico 4.

Gráfico 4: Se identifica mais com celebridades brancas ou negras.



Fonte: Própria.

A partir do exposto Sovik (2004) vai dizer que ser branco exige pele clara, feições europeias, cabelo liso; ser branco no Brasil é uma função social e implica desempenhar um papel que carrega em si uma certa autoridade ou respeito automático, permitindo trânsito, eliminando barreiras. Ser branco não exclui ter sangue negro. Talvez

essa seja a delimitação que foi feito através deste trabalho. Ser negro carrega consigo muitos estereótipos e muitas atribuições que serão pesarasas no decorrer dos tempos.

A afirmação de cor é mais do que meramente classificar uma raça. É mais do que meramente distinguir uma nação. É fazer com que a invisibilidade seja moldada ao ponto que todos se vejam, se sintam e se representem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Farei a opção de ir trazendo as considerações finais deste trabalho com ainda mais questionamentos sobre o tema. Quais os significados de ser branco ou preto no nosso país? Como esses conceitos interferem nas concepções de vida e padrões de cada individuo? Quais os processos de construção das subjetividades humanas e como eles são aderidos ao modo subjetivo de cada individuo somos um país racista? A cor influencia na tomada de decisão no Brasil?

Levando-nos a entender que este é um tema que está muito distante de ser esgotado e que necessita estar a todo momento nos espaços de discussão. Todos esses questionamentos e ainda mais, podem e devem estar presentes como metodo estruturante da sociedade e dos modos como cada individuo pode intervir nos meios e modos de construir suas subjetividades.

REFERÊNCIAS

BICUDO, Virginia Leone. **Atitude dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas.** In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo. São Paulo: Editora ANHEMBI, 1955

GINSBERG, Aniela Meyer. **Pesquisas sobre as atitudes de um grupo de escolares de São Paulo em relação com as crianças de cor.** In: BASTIDE, Roger; GODOY, Eliete Aparecida. A representação étnica por crianças pré-escolares: um estudo de caso à luz piagetiana. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, FE-UNICAMP, Campinas, SP, 1996.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. O silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial: (um estudo acerca da discriminação racial como fator de seletividade na escola pública de primeiro grau -1ª a 4ª série). Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 1985

GONZALEZ, Lélia. 2020. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Cor e raça: raça, cor e outros conceitos analíticos**. In: *Raça : novas perspectivas antropológicas*[S.l.: s.n.], 2008.

OLIVEIRA, Eliana. Relações raciais nas creches diretas do Município de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 1994.

SCHUCMAN, L. V. (2014). **Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana**. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 83-94.